

## MULHERES NO BRASIL COLONIAL

Mary Del Priore

- **Trabalhos executados pelas escravas**

**“(...) não houve trabalho que a mulher escrava não executasse no Brasil colonial.** Na faina agrícola, labutavam com a foice e a enxada, e desde pequenas, semeavam, catavam ervas daninhas, enfeixavam as canas. Nos engenhos, eram encarregadas de moer as canas e cozer o melado, agrupadas, como vemos nas gravuras de época, em torno de infernais panelões de cobre. Manufaturavam o açúcar, descaroçavam algodão e descascavam mandioca, base de sua alimentação. Ocupavam-se das tarefas domésticas na casa-grande, onde cozinhavam, lavavam, coziam e arrumavam, assim como na senzala, onde se responsabilizavam pela manutenção de maridos, companheiros ou filhos. Também na senzala algumas delas, graças aos inúmeros conhecimentos transmitidos oralmente - o chamado “saber fazer” -, tornavam-se parteiras, benzedeiras e temidas feiticeiras”. (pág. 18)

“Nos centros urbanos, as escravas se destacaram no pequeno comércio de varejo. (...) **Elas podiam vender “doces, bolos, alféola, frutos, melaço, hortaliças, queijo, leite, marisco, alho, pomada, polvilho, hóstias, obreias, mexas, agulhas, alfinetes, fatos velhos e usados”**”. (pág. 18)

**“Em regiões de maior resistência ao regime escravista, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia, negras vendeiras levavam recados de quilombolas, ajudavam a traficar ouro roubado e preveniam fugitivos e bandoleiros sobre os movimentos das tropas. Constituíam-se num eficaz fio condutor de notícias sobre a ação repressiva das autoridades.** Reunidas em quitandas, vendas e “casas de alcouce” – como eram denominadas pelas autoridades eclesiásticas – muitas delas se prostituíam, maneira rendosa de botar na bolsa mais algumas patacas. Nesses espaços, também vendia-se bebida, jogava-se, conspirava-se. Mas também se afirmava a tradição africana por meio da música e da dança, da convivência de gestos e palavras. **O comércio ambulante foi um mecanismo de acumulação para muitas dessas mulheres, que acabaram economizando o bastante para comprar sua liberdade**”. (pág. 20)

“No século XVIII, o número de mulatas e de negras livres e alforriadas era bastante expressivo na região das minas. **Testamentos mineiros desse período, por exemplo, revelam que muitas delas enriqueceram, legando aos seus descendentes “chãos de terra”, propriedades imobiliárias, escravos e jóias de ouro e coral**”. (pág. 20)

- **Prostituição**

“O discurso não era apenas dirigido às mulheres brancas. Pregado nos domingos e dias santos, em que escravas e forras frequentavam, elas também, as igrejas, os padres recomendavam que estas não se prostituíssem, ganhando com seus corpos, dinheiro para seus senhores ou para si mesmas. Mais: sabe-se que até senhoras enfeitavam molecas, com correntes de ouro, anéis e rendas finas, na esperança de aproveitar-se do que os padres chamavam de “nefando comércio”. Lançavam-se, então, as bases do que chamamos, hoje, de prostituição infantil”.



“Negras e brancas foram igualmente perseguidas ao praticar a “sodomia foeminarum”, nome dado pelos inquisidores portugueses, nas várias visitas que fizeram ao Brasil entre os séculos XVI e XVII, aos **amores entre mulheres**. Praticado entre raparigas brancas e suas escravas negras, mulheres casadas, por opção homoerótica ou “afeição carnal”, como resumem os documentos, esse pecado era fonte da preocupação doutrinal que atingia escravas e forras”. (pág. 26)

“O pecado, contudo, mais associado à mulher de origem africana na colônia era o de “viver em tratos ilícitos”. Ser manceba, amásia ou concubina de um homem casado era considerado gravíssimo e a punição mais corriqueira era a expulsão da ré para fora da vila ou cidade em que morasse”. (pág. 26)

“**Muitas escravas eram obrigadas a se prostituir para aumentar os ganhos de seus proprietários**”. (pág. 36)

- **Concubinato**

“A iniciativa de esposas abandonarem seus maridos não era incomum, revelando os tênues laços que significava para muitas mulheres o matrimônio(...)”. (pág. 58)

“Outra forma de desordem feminina poderá ser encontrada na documentação relativa à feitiçaria no mundo colonial. (...) As negras provenientes da Costa da Mina, por exemplo, eram figuras poderosas desse universo. (...)”. (pág. 60)

- **Igreja**

“(…) as mulheres compareciam em massa às igrejas, pois quem não estivesse participando da vida espiritual, dificilmente estaria integrado à sociedade.” (pág. 61)

“Vendeiras, negras de tabuleiro, lavadeiras, costureiras e comerciantes de retalhos viviam o agitado dia-a-dia de seus ofícios (...). Nesse vaivém, as distâncias eram

passíveis de serem quebradas, e o envolvimento de padres com mulheres era fonte permanente de queixa das autoridades eclesiásticas”. (pág. 62)

- **Maternidade na Colônia**

“As amas-de-leite e algumas escravas domésticas gozavam de grande prestígio merecendo quase o mesmo tratamento outorgado às sinhás”. (pág. 77)

- **Aborto**

“Na história das mães pobres e negras é preciso, contudo, matizar a lenda de que estas recorriam comumente ao aborto para evitar que seus filhos passassem as mesmas dificuldades e sofrimentos que elas. (...) Por outro lado, pesquisas recentes sobre Minas Gerais e Bahia vêm revelando que filhos tidos com homens brancos acabavam por dar mobilidade social e econômica às mães(...). E também aos filhos mulatos que, ao perder seus pais, herdavam, na maior parte das vezes, algo de seus bens: propriedades, escravos, utensílios de trabalho, jóias. Filhos mulatos eram uma forma certa de ascensão na estreita hierarquia do Brasil colonial”. (pág. 79)

“As mães negras nunca ficaram atrás, quanto à atenção e ao carinho para com seus filhos. Os primeiros cuidados com o recém-nascido eram os mesmos tomados pelas brancas: lavar os pequenos com vinho ou cachaça; limpá-los com manteiga ou outra substância oleaginosa e enfaixá-los; e a cabeça era cuidadosamente modelada e o narizinho achatado, com o polegar, para que adquirisse uma forma que parecia mais estética às africanas”. (pág. 80)

“Os descendentes de nagôs eram enrolados em panos previamente embebidos numa infusão de folhas antes sorvida por suas mães. O umbigo recebia as mesmas folhas maceradas e, num rito de iniciação ao mundo dos vivos, imergia-se a criança três vezes na água. O pequeno mamava quando podia, sendo amarrado em panos às costas das mães que os levavam consigo em suas atividades, diárias. A passagem da alimentação mista para a semi-sólida operava-se com infinita precaução, não percebida, todavia, pelos viajantes estrangeiros. A técnica de pré-digestão de alimentos embebidos na saliva materna significava muito mais um cuidado do que falta de higiene. Na tradição africana era comum a mastigação de sólidos e a passagem destes, em forma de bolo cremoso, para a boquinha dos pequenos”. (pág. 80-81)

→ **O livro tem uma grande quantidade de imagens interessantes de negras, escravas, etc.**